

AUTO-SUFICIÊNCIA AS 8 HIDRELÉTRICAS VÃO PRODUZIR TODA A ENERGIA NECESSÁRIA PARA A OPERAÇÃO DA VALE EM MINAS GERAIS E NO ESPÍRITO SANTO

Vale investe na geração de energia própria em 8 usinas

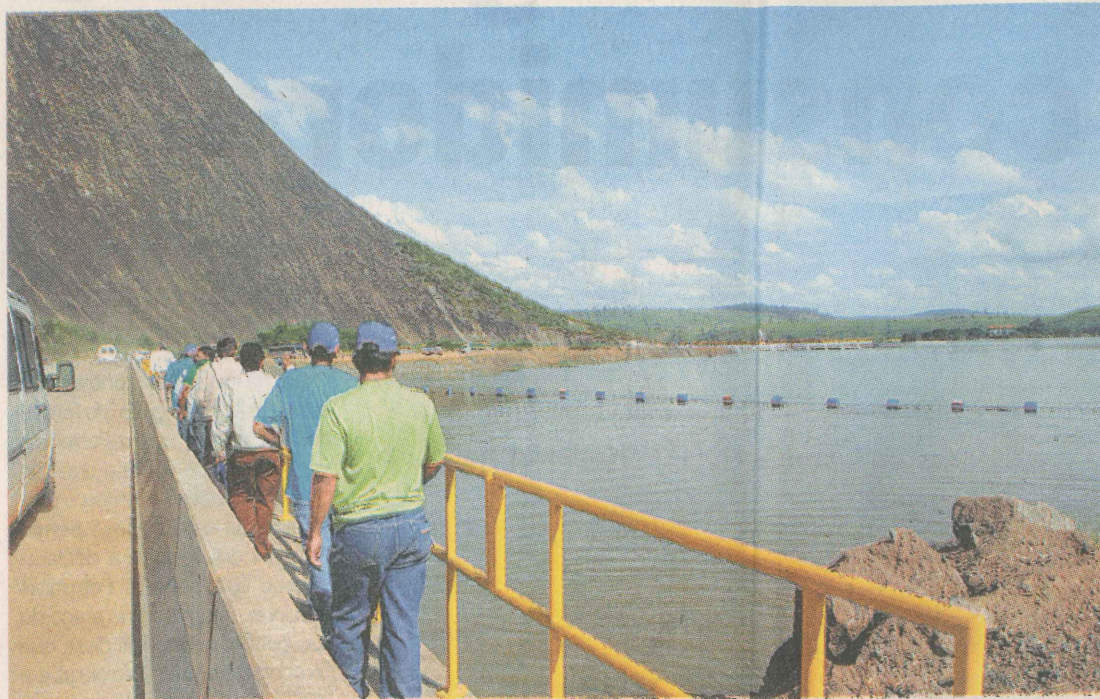
Empresa espera poder suprir, em 2010, 20% do seu consumo total de energia no país

DENISE ZANDONADI

dzandonadi@redegazeta.com.br

Com planos de lançar em mais duas usinas hidrelétricas ainda este ano, a Companhia Vale do Rio Doce em parceria com a Cemig, empresa de energia de Minas Gerais, inauguraram ontem a Hidrelétrica de Aimorés, próxima à divisa com o Espírito Santo. Foram investidos R\$ 750 milhões pelas duas empresas, sendo que a Vale tem 51% de participação e a Cemig 49%.

Com capacidade para gerar 330 MW a usina tem três turbinas e gera energia para atender até 1 milhão de con-



RECURSOS. A Hidrelétrica Eliezer Batista recebeu investimentos de R\$ 750 milhões pelas duas empresas, sendo que a Vale tem 51% de participação e a Cemig, 49%. FOTO: RICARDO MEDEIROS

sumidores. A parte de energia da Vale será incorporada à linha de operação da empresa e suprirá parte do que

a companhia precisa para suas operações no Espírito Santo e Minas Gerais.

Ainda neste ano, a empresa

inaugurará mais duas usinas, a de Capim Branco 1 e Capim Branco 2, ambas em Minas. Serão oito usinas hidrelétricas

que produzirão toda a energia necessária para a operação da Vale nos dois Estados. "Temos déficit somente no Norte do país, onde estudamos projetos de termelétricas movidas a carvão térmico", explicou o presidente da Vale, Roger Agnelli.

A expectativa da Vale é que em 2010, quando todos os investimentos em geração própria estejam concluídos, a companhia suprirá 20% do seu consumo total de energia no país. No ano passado, o consumo da Vale foi de 16,9 milhões de MWh.

Localizada no Rio Doce, a usina inaugurada oficialmente ontem abrange os municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor. O reservatório tem 30,9 km quadrados e exigiu, para a sua formação, a remoção da cidade de Itueta, cujos 1,2 mil habitantes moram agora em Nova Itueta, onde foram construídas 250 casas.

Homenagem. A hidrelétrica

foi batizada com o nome do ex-presidente da Vale, Eliezer Batista, que esteve na inauguração e recebeu uma maquete da usina de presente de Agnelli. Emocionado, Batista disse que se sente orgulhoso em fazer parte de uma obra emblemática.

Segundo ele, o projeto reforça a necessidade de implantação do projeto de recuperação da bacia do Rio Doce e o reflorestamento da região abrangida pelas operações da Vale. "Precisamos trabalhar sempre dentro do conceito moderno de desenvolvimento sustentável para a região".

Batista reafirmou que o Rio Doce, além de todos os problemas de poluição enfrentados e do assoreamento, perdeu, nos últimos 30 anos, cerca de 30% do volume de água. "Está chegando 30% menos água do Rio Doce no mar. Este é um dado preocupante e mostra que precisamos pensar grande quando se trata da recuperação da bacia e do rio".

Usina não recuperou economia da região

Crítica partiu dos moradores da região do Rio Doce, que ficaram de fora da solenidade

NILO TARDIN

nrtardin@redegazeta.com.br

COLATINA. A vontade de ver o presidente Lula de perto atraiu ontem um grupo de pessoas aos arredores da Pedra Lorena, mas a fechada solenidade de inauguração da Usina Hidrelétrica de Aimorés (UHE-Aimorés) gerou crítica social e econômica dos moradores atingidos pela barragem no Rio Doce.

Os recursos aplicados na geração de energia ainda não refletiram na economia do Leste mineiro, nem nas cidades vizinhas da divisa do Espírito Santo com Minas Gerais. Pelo menos é esta a opinião do meta-

lúrgico Joel Rodrigues dos Santos, 63 anos que diz não ter notado o papel social do Consórcio da UHE ser executado conforme o prometido.

“O povo ficou de fora. Não compartilharam com a comunidade”, disse. Junto à família, Joel se conformou em assistir de longe a queima de fogos, a circulação dos helicópteros e a visão do “castelo” de lona armado do outro do rio sob forte proteção policial.

A curiosidade foi o motivo que levou o vigia Marcelo Madeira, 36 anos a espreitar debaixo do sol quente a movimentação dos convidados. “Deviam ter colocado um telão para a gente assistir. Os pescadores foram os mais prejudicados com a construção da represa. Muita promessa ainda não foi cumprida pelo consórcio”, disse Marcelo.

“O Rio Doce virou caveira”,

comparou o pescador Alcides Madeira, 43 anos, ao lembrar a zona de vazão reduzida criada com o canal que desvio o rio do seu leito entre Aimorés de Baixo Guandu. “Somos os sem-convite”, disse se referir à festa de inauguração da UHE.

A economia não se recuperou com a mudança da cidade mineira de Itueta cuja antiga sede

desapareceu sob as águas do lago da UHE, afirma a comerciante Eucimar Ribeiro Borel, 42 anos. Dona de um restaurante, ela luta para conseguir o ponto comercial próprio na Nova Itueta. “O problema dos comerciantes-inquilinos não está resolvido”, disse Eucimar. “Passamos a viver numa cidade cenográfica”, finalizou.

Ituetenses fazem protesto silencioso

Itueta virou uma cidade dividida. O enchimento do reservatório isolou o Norte do Sul do município de 5,5 mil habitantes próximo à divisa capixaba. Por ironia, a nova balsa construída com recursos do Consórcio da Usina de Aimorés (CHA), batizada de Aliança Norte e Sul, está parada. A comerciante Eucimar Borel afirma que o comércio depende dos moradores da zona rural situada na parte Norte da cidade. Sem transporte, os agricultores, diaristas, meeiros e aposentados preferem fazer compras em Resplendor e Aimorés. Sem fábricas, lojas e a falta de pontos comerciais complicam a situação econômica de Itueta. Um protesto silencioso foi promovido por um grupo de ituetenses por meio de faixas em frente da rodoviária da cidade. Por sinal, ainda sem funcionar. Itueta foi removida para as margens da BR-259 a 8 km da velha.



DE BINÓCULOS. A população de “sem-convite” tentou ver de longe o presidente Lula no planaque. FOTO: NILO TARDIN

ELES FORAM VER DE PERTO O PRESIDENTE

“Queria ver o Lula, a quem admiro”

CARLOS MAGNO BISPO
Auxiliar de saúde, 42 anos

“Querem esconder um embaraço”

HERVONES RAMOS DOS REIS
Carpinteiro, 54 anos